



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

A POESIA MARGINAL COMO INSTRUMENTO CULTURAL E EDUCATIVO DAS PERIFERIAS DE FORTALEZA – CE

Evelane Mendonça Lima

Aglailton da Silva Bezerra

Luiz Felipe de Sousa Gomes

Universidade Estadual do Ceará - UECE / Programa de Educação Tutorial – PET/MEC /
evelane.mendonca1@gmail.com, agailtonsb@gmail.com, luizfelipeum422@gmail.com.

THE MARGINAL POETRY AS A CULTURAL AND EDUCATIONAL INSTRUMENT OF THE PERIPHERALS OF FORTALEZA – CE

RESUMO: O presente trabalho tem como ponto de partida os poetas marginais da cidade de Fortaleza – CE, os quais (re) criam formas de sociabilidades que interligam as juventudes tendo como referência central sua relação enquanto jovem numa condição de vulnerabilidade social periférica. A poesia marginal abordada nesta proposta tem origem na periferia enquanto expressão cultural e prática educativa não formal. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo central compreender a poesia marginal periférica na sua politicidade, trazendo-a, ainda, como processo mobilizador de juventudes e práticas culturais coletivas. É importante problematizar a situação histórica e social desses sujeitos que, por vezes, se vêem marginalizados e discriminados. Assim como, é indispensável perceber a poesia marginal periférica como uma forma de resistência que constrói pontes educativas, afetivas e culturais. A pesquisa científica se apresenta como qualitativa e utilizou como procedimentos metodológicos uma entrevista semi-estruturada com um poeta marginal e observações simples nos transportes públicos de Fortaleza – CE, nos quais muitos poetas expressam sua poética oral e, às vezes, improvisada e orientada pela recepção dos ouvintes. Diante dessas considerações, falar de poesia marginal envolve perceber sua dimensão social, cultural, educativa e política como criadora de agremiações juvenis e de reivindicações sociais.

Palavras-chave: poesia marginal, cultura periférica, juventudes, cidade.

ABSTRACT: The present work has as its starting point the marginal poets of the city of Fortaleza - CE, who (re) create forms of sociability that interconnect the youths having as central reference



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

their relation as a young person in a condition of social peripheral vulnerability. The marginal poetry addressed in this proposal originates in the periphery as a cultural expression and non-formal educational practice. In this way, this research has as main objective to understand the peripheral marginal poetry in its politics, bringing it, still, as a mobilizing process of youths and collective cultural practices. It is important to problematize the historical and social situation of those individuals who are sometimes marginalized and discriminated against. As well, it is indispensable to perceive marginal peripheral poetry as a form of resistance that builds educational, affective and cultural bridges. The scientific research is presented as qualitative and used as methodological procedures a semi-structured interview with a marginal poet and simple observations in the public transports of Fortaleza - CE, in which many poets express their oral poetry and sometimes improvised and guided by the reception of listeners. Given these considerations, talking about marginal poetry involves perceiving its social, cultural, educational and political dimension as a creator of youth associations and social demands.

Key words: marginal poetry, peripheral culture, youth, city.

INTRODUÇÃO

As expressões culturais se manifestam de modo a perpetuar as características de um determinado agrupamento social, tendo como ponto de partida suas particularidades e desdobramentos. Assim, o artigo possibilita um debate pautado na existência de culturas nos contextos em situação de marginalização, sobretudo nas periferias. A marginalização, consequente do projeto societário em curso, revela um contingente populacional que se mostra em condições de vulnerabilidade social. Nesse sentido, é preciso ser evidenciado como se expressa as manifestações culturais desses espaços na intenção de legitimação e reconhecimento para além do erudito/clássico.

Conforme LARAIA (2001, p. 80) “[...] nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”, nesse sentido a arte expressa nas periferias se traduz em um movimento contínuo de representação singular e até mesmo denúncia diante da realidade vivida. O saber popular entrelaça-se a sua realidade e como frutos são encontrados diversas materializações dessas formas culturais que assumem um caráter educativo. Diante de tais apontamentos, a poesia marginal abordada nesta proposta tem origem na periferia enquanto expressão cultural e prática educativa



não formal. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo central compreender a poesia marginal periférica na sua politicidade, trazendo-a, ainda, como processo mobilizador de juventudes e práticas culturais coletivas.

O poeta marginal como agente desse contexto expressa sua arte articulada diretamente com seu cotidiano e possibilita um olhar crítico sobre o conceito historicamente construído de cultura. Sua arte e forma de expressão por meio da poesia também podem e devem ser considerada como expressão cultural e prática educativa não-formal diante das diversas interpretações e reconhecimento das diferenças nesse bojo, pois:

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes. (LARAIA, 2001, p. 101)

Ademais, esta pesquisa científica se apresenta como qualitativa e utilizou como procedimentos metodológicos uma entrevista semi-estruturada com um poeta marginal e observações nos transportes públicos de Fortaleza – CE, nos quais muitos poetas expressam sua poética oral e, às vezes, improvisada e orientada pela recepção dos ouvintes. Assim, a presente pesquisa se mostra relevante no aspecto de tornar evidente o que é visto como marginal, sem funcionalidade, além de perceber as nuances culturais de um grupo, os poetas marginais.

SOCIEDADE ANTAGÔNICA E CULTURA PERIFÉRICA

Estamos inseridos em um espaço onde as relações sociais emergem e conduzem práticas que podem ser traduzidas em convergências ou não, práticas que manifestam as objetivações diferenciadas de cada camada social. Nesse sentido, o conceito de sociedade precisa estar atrelado à dimensão conjuntural pela qual a mesma se materializa. Essa relação está mediada pela hegemonia do sistema capitalista que se manifesta por meio de seu antagonismo.

As sociedades, por sua vez, estão inseridas diante da lógica pautada no antagonismo social promovido pelo capitalismo e reproduzem em suas manifestações essa mesma lógica por meio da desigualdade social. Segundo Engels e Marx (2009, p. 46), “Com a divisão do trabalho, na qual estão dadas todas essas contradições, [...] está ao mesmo tempo dada também a repartição, e precisamente a repartição *desigual* [...]”. A tensão promovida pela existência das classes sociais que são frutos desse contexto nos inclina a perceber que as sociedades são instrumentos de dominação



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

simbólica da classe dominante e a existência de sujeitos numa condição de marginalização é fundamental para permanência desse *status quo*.

As mudanças no controle das relações sociais, nas relações de trabalho e no modo de funcionamento do Estado que marcam o modo de produção capitalista contemporâneo, não poderiam ter ocorrido se não fosse a força do mercado. É através dele que as empresas se “intrometem” na vida privada e coletiva dos seres humanos e, em nome da “liberdade”, vão desmanchando todas as resistências. (BOGO, 2010, p. 12)

A correlação de forças existentes em cada objetivo presente e diferenciado nas classes sociais determina sua posição social e visibilidade diante da opinião pública, nesse sentido a cidade é vista como palco de disputa dessas mesmas classes sociais em situação de antagonismo. A periferia, portanto, seria o lugar de afastamento do que é moderno ou útil nas exigências do capital contemporâneo, apesar de congrega também a parcela da população que irá permitir, por meio da exploração do trabalho e mais-valia, a continuação dessa hegemonia.

[...] é na cidade, devido ao seu grau de concentração espacial, que aflora mais claramente a contradição de classes, tão nítida na paisagem dos bairros. Essa contradição se manifesta pelo contraste entre riqueza e a pobreza. É no urbano que se manifestam mais claramente as relações de produção capitalistas e onde a violência se faz maior. [...] a cidade é o campo privilegiado das lutas de classe. (CARLOS, 2018, p.78)

Nesse sentido, sociedade pode ser compreendida como o espaço de interação social onde os sujeitos que nela estão incluídos seguem um determinado objetivo central, subsistência e permanência, ambos relacionados diretamente com a relação capital-trabalho e as manifestações das expressões da questão social (PASTORINI, 2010). A periferia, por sua vez, relaciona-se com o centro de uma forma a consolidar as relações de dominação e modernidade que são negadas a ela. Contudo, é preciso problematizar que nesse espaço onde se intensifica as diversas manifestações de vulnerabilidade social e ausência de políticas públicas, também é perceptível as diversas estratégias de resistência que se apresentam com uma leitura crítica peculiar desses contextos, daí a diversificação cultural articulada aos saberes populares.

Ao relacionarmos cultura, desenvolvimento e Diversidade Cultural, a adoção de princípios do pensamento complexo pode nos garantir uma coerência mas efetiva entre pensamentos e práticas presentes nas realidades e seus objetos. [...] pode-se dizer que Diversidade Cultural é a expressão dos opostos. O singular, o intraduzível, a capacidade e o direito de diferir, bem como a expressão do universal, de uma ética e de um conjunto de direitos humanos. (BARROS, 2008, p. 17)

Conforme colocado, a diversidade cultural pode expressar a relação entre os sujeitos em condição de oposição e potencializar sua realidade por meio de instrumentos reivindicatórios ao questionar o meio social em que estão inseridos, não numa condição de negação e sim de denúncia.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

Aliás, a cultura expressa nos contextos periféricos representa essas contradições e os poetas marginais seriam, portanto uma expressão cultural diante dessa tensão social e provocam, por meio de sua prática, novos olhares analíticos pautados numa perspectiva, sobretudo de resistência. A periferia inserida na cidade poderia ser lida, conforme MARICATO (2015, p. 19), “[...] como manifestação de práticas culturais e artísticas mercadológicas ou rebeldes; como legado histórico; como palco de conflitos sociais; como espaço de reprodução do capital e da força de trabalho, entre outras.”

POESIA MARGINAL PERIFÉRICA: JUVENTUDES, CULTURA E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Para realizarmos tal pesquisa, tivemos como ponto de partida a compreensão de que a poesia marginal é uma prática cultural e educativa (não-formal) de juventudes que frequentemente são marginalizadas e segregadas dos espaços urbanos orientados pela lógica do capital. Já que “[...] a urbanização desempenhou um papel particularmente ativo [...] na absorção do excedente que os capitalistas produzem perpetuamente em sua busca pelo lucro.” (HARVEY, 2012, p. 75) Desse modo, a presente análise considera a poesia marginal enquanto intervenção sociocultural que mobiliza a resistência política de jovens da periferia. Além disso, temos “[...] a idéia de que a arte é um campo propulsor de significantes, ela certamente irriga territórios esquecidos do corpo, faz emergir novas formas de linguagem.” (DIÓGENES, 2006, p. 191)

Diante disso, torna-se imprescindível discutirmos sobre a origem, as representações e as significações da poesia marginal a partir das vozes dos próprios poetas marginais que vivenciam o processo criador e reprodutor das poesias cotidianamente. Nesse sentido, o cotidiano da periferia aponta para possibilidades criativas coletivas e individuais, sejam concretas ou sejam simbólicas. Em uma análise sociológica, Martins (2000) nos faz compreender que a vida cotidiana e o senso comum são resultados de um agir histórico e social, trazendo à tona uma *sociologia da vida cotidiana*.

A possibilidade de uma sociologia da vida cotidiana está nesse âmbito intermediário, na investigação e superação do que o senso comum tem sido para a interpretação acadêmica: ou apenas o conhecimento com que o homem comum define a vida cotidiana, dando-lhe realidade, como supõem Berger & Luckmann; ou apenas o conhecimento alienado da falsa consciência [...]. (p. 58)

Um dos principais interlocutores dessa arte — que provoca o fazer da “re-existência”, através da capacidade linguística e sensível na maneira de sentir e estar no mundo, em detrimento a



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

uma sociedade pautada pela fluidez e pela racionalidade sem vínculo afetivo — é Daniel: graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professor e poeta marginal periférico. Na entrevista, nos apresentou o seu entendimento em torno da poesia marginal:

Poesia marginal é um conceito ambíguo, pois existem duas definições para ela no Brasil. Existe uma poesia marginal dentro de um contexto histórico e existe a poesia marginal periférica. A poesia marginal surge, aproximadamente, na década de 70, ou seja, no ápice do que a história chama de ditadura militar, 64-85. Os poetas passaram a elaborar dentro de um determinado contexto acadêmico, portanto boêmio, produções de caráter subversivo referente à ordem da linguagem. Além disso, existiam produções de ordem subversiva dentro de editoras pequenas ligadas a universidade, as quais eram distribuídas de mão em mão. [...] Aí Tom Zé, Leminski e Torquato Neto são poetas marginais.

Nesse cenário, percebemos a existência de duas correntes com históricos, objetivos e simbolismos diferentes. A primeira, como nos mostra o entrevistado, é marcada pela subversão frente ao contexto autoritário de censura da ditadura militar no Brasil¹. Já a segunda corrente surge posteriormente:

No final dos anos 90 pra começo dos anos 2000, surge em São Paulo a “cooperifa”, é um sarau de amplitude nacional que surge no Capão Redondo na Zona Sul de São Paulo, a partir de um diálogo muito próximo com o Hip-Hop. Então o Hip-Hop e a poesia marginal, nesse caso, tão lado a lado. [...] A poesia marginal periférica é encabeçada, principalmente, por Sérgio Vaz e por Ferréz, são dois autores da literatura marginal periférica.

A poesia marginal periférica envolve atores sociais que além de questionar a realidade opressora, discriminatória e desigual da sociedade capitalista, procuram reinventar suas próprias trajetórias individuais e também, de forma indireta ou direta, as dos sujeitos oriundos da periferia urbana da cidade. Ou seja, atuam com um discurso poético politizado que repercute na vivência de coletividades que, historicamente, são atingidas pela falta e precarização de serviços básicos, bem como de atividades culturais. Nesse sentido, “[...] a poesia marginal periférica surge com autores que subvertem não apenas a linguagem, mas eles subvertem o espaço, eles contaminam o espaço da cidade, criando novas narrativas [...].”

Por conseguinte, o poeta entrevistado parte da perspectiva de que o conhecimento ultrapassa os limites de ciências institucionalizadas. Isto quer dizer que a poesia marginal é produtora de saberes e conhecimentos legitimados pelo seu aspecto artístico-cultural. Neste ponto, encontra-se o seu caráter educativo não-formal. Explicando um de seus artigos acadêmicos que traça um debate teórico em torno da poesia marginal periférica, Daniel elenca as três principais características dessa

¹A Ditadura Militar (1964-1985) foi um regime autoritário e nacionalista, norteador de uma época marcada pela censura, tortura e pela perseguição política, principalmente em relação às ideologias contrárias ao governo ditatorial. Toda a estrutura do poder político estava sob o comando dos militares que se aliavam às elites financeiras.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

arte que envolve criatividade e aprendizagem. São elas: a desterritorialização, pois “ela quer expandir o território”, o cunho político e a ideia de coletividade. Segundo ele:

São corpos coletivos porque essa ideia de fama é complicada. Na poesia marginal, a fama e o individual é suplantado pelo coletivo, são coletividades. Mas não são coletividades quaisquer como, por exemplo, você colocar Marx e dizer que são proletariados. Não tem nada a ver! São coletivos juvenis. É uma nova forma de organização política que foge da lógica dos partidos políticos e dos movimentos sociais.

Cabe-nos observar que a poesia marginal periférica é uma nova forma de organização das juventudes em torno de espaços que rompem com as fronteiras institucionais. Assim, concordamos com Diógenes ao compreendermos que:

[...] dentro da instituição, os jovens assumem uma postura relativa às codificações dominantes das normas sociais e explicitam o que supõem que deles se espera. Na rua, seus corpos vão assumindo a cadência dos acontecimentos, ocupando lugares simbólicos que produzem, instituem e nos possibilitam identificar personagens mais concretos, situados no conjunto de suas relações. (DIÓGENES, 2006, p. 193)

Os espaços que agregam os coletivos juvenis provocam o surgimento de identidades que têm em seu cerne o compartilhamento de experiências e esperanças frente a questões políticas, culturais e sociais por meio do discurso poético. É nesse sentido que Carrano (2003, p. 126) nos lembra que a identidade coletiva faz parte da construção de um sistema de ação, emergindo de partilhas e interações entre indivíduos ou grupos, sendo que tais indivíduos mantêm uma relação ativa, se influenciando mutuamente.

Esses coletivos juvenis são formados por jovens provenientes de contextos heterogêneos. Embora se assumam as semelhanças entre a realidade social das periferias urbanas no que se refere às opressões e desigualdades, suas vivências possuem particularidades, formando, então, coletivos plurais com desejos que se assemelham e vozes que se aconchegam na diferença. Dialogando com Dayrell (2003, p. 42):

[...] entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. [...] É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes.

Entender as juventudes envolve perceber os limites teóricos e metodológicos de enquadrá-las em uma categoria determinada pela faixa etária. Assim sendo, concordamos com Alves (2017, p. 42) ao partirmos “[...] da perspectiva de que as diferentes formas de socialização e inserção dos



“jovens, a partir de seu universo sociocultural e posição de classe são determinantes para se conhecer de que juventude se está falando.”

No ritmo das transformações socioculturais brasileiras surgem novas dinâmicas de sociabilidades alicerçadas pela produção cultural. Novos espaços vão sendo abertos pelas juventudes e suas práticas culturais. Esse novo mundo juvenil se fundamenta em culturas mais democráticas que criam laços e constroem sujeitos (DAYRELL, 2003, p. 51). Nesse sentido, a poesia marginal além de ser um grito que emana poesia e política no mesmo instante, abriga novas sociabilidades através das auto-organizações juvenis que erguem identidades coletivas e também individuais.

A poesia marginal, neste artigo, é expressa como móvel contra as causas de opressão e seus efeitos imediatos: a segregação e a marginalização. Neste sentido, o efeito da marginalização e todo o valor social que ela carrega, pois age de modo a classificar de maneira dominante e negativa uma população, é combatido pelo ato de ressignificar o valor da palavra. Aqui marginal ganha valor qualitativo oposto ao sentido convencional da palavra presente no mundo social que trata de estigmatizar o “rebelde”. Assim, partimos da análise de seu valor de pertencimento, identificação e instrumento político de um grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas considerações, falar de poesia marginal envolve perceber sua dimensão social, cultural, educativa e política como criadora de agremiações juvenis e de reivindicações sociais. Em uma sociedade pautada pelos interesses do capital, assim como fundamentada pelo antagonismo entre as classes sociais, ocupar espaços e promover discursos poéticos que trazem em seu bojo a criatividade e a criticidade é um ato de resistência. Tal resistência se configura como prática cultural de juventudes periféricas questionadoras de uma realidade injusta. Partindo dessa perspectiva, compreendemos a importância sociocultural e educativa de agrupamentos juvenis que surgem de uma realidade social e não institucional.

Os poetas marginais de forma autônoma constroem poesias visando estabelecer trocas que vão além dos aspectos estéticos da arte, mas permitem a circulação de afetividades. Através de saraus ou outros espaços socializadores, expõem suas artes e concomitantemente provocam o debate político acerca das questões conjunturais. Como visto na entrevista, ser poeta marginal não



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

se reduz ao aspecto individual relacionado à autopromoção no mundo da fama — vale ressaltar que em muitos casos ser poeta significa garantir a renda familiar. Pelo contrário, traduz uma nova dinâmica de coletividades juvenis reunidas em prol de uma luta diária contra a opressão, a segregação e a marginalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Alda de Sousa. **Juventudes e ensino médio**: transições, trajetórias e projetos de futuro. Curitiba: CRV, 2017.

BARROS, Mário José. Cultura, diversidade e os desafios do desenvolvimento humano. In: BARROS, Mário José. (Org.). **Diversidade cultural da proteção à romoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPED, Campinas: Autores Associados, nº 24, set.-dez., p. 40-52, 2003.

DIÓGENES, Glória. A arte de fazer Enxame: experiências de ressignificação juvenil na cidade. **Política & Sociedade**, v. 5, p. 191-221, 2006.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p.73-89, jul./dez. 2012. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18497/13692>> Acesso em 26 nov. 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

PASTORINI, Alejandra. **A categoria “questão social” em debate**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.